

EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDRO CASASCO RIBEIRO COELHO

**O SKATE NA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO: ASPECTOS
EVOLUTIVOS E SOCIAIS.**



Rio Claro
2015

Pedro Casasco Ribeiro Coelho

O Skate na cultura corporal de movimento: Aspectos evolutivos e sociais.

Orientador: WILSON DO CARMO JÚNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2015

796.019 Coelho, Pedro Casasco Ribeiro
C672s O skate na cultura corporal de movimento: aspectos evolutivos e sociais / Pedro Casasco Ribeiro Coelho. - Rio Claro, 2015
36 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Wilson do Carmo Júnior

1. Esportes – Aspectos sociológicos. 2. Socialização. 3. História do esporte. I. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho à toda minha família que sempre me apoiou em minhas decisões, nunca mediram esforços e me possibilitaram chegar até aqui. Obrigado de coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar sabedoria e proteção, por me proporcionar uma família especial, por colocar em minha vida tanta gente legal e experiências únicas que me fizeram e me fazem crescer diariamente.

Eternamente grato à minha família que sempre me apoiou e esteve comigo em todas as decisões que tomei em minha vida. Sempre estiveram ao meu lado. Tudo que sou e que tenho, devo à eles. Minha mãe, Marilu, sem palavras, obrigado pela dedicação e disposição que teve na minha criação (sei que muitas vezes não foi fácil). Minha irmã, Clara, meu xodó, minha linda. Minhas mães de coração, tia Ana Cecília, tia Helô e família, vó Clarinha (in memorian) com certeza sempre olhando por nós. Meus pais de coração, tio Ricardo, tio Fernando, meu avô Edgard. Vocês são as melhores pessoas que já conheci. O coração de TODOS vocês não cabe dentro do peito. Obrigado por tudo. A família é a base, lá estão nossas raízes.

Agradeço a minha família da montanha, meu pai Eduardo, Déa e Aruã, por toda a energia enviada, e por toda a sintonia.

Muito obrigado às minhas famílias brotenses, Pepêzão, Rosinha, Pedrão, Chris, David e Pérolinha; Gustavo, D. Norisa (in memorian) e Seu Toninho. Fundamentais na minha vida.

Obrigado ao meu amor, Heliane, pela parceria ao longo de todos esses anos que estamos juntos, pela paciência que sempre tem comigo, por todo o companheirismo e por não medir esforços quando precisei.

Agora um pouco da molecada que faz parte da minha vida numa linha do tempo:

Mando um salve e um muito obrigado aos meus amigos de infância, jamais serão esquecidos: Joninhas, Arthur, Iury, Ivan, Ricardo, Cantarelli, Guerra, Érica, Nathália. Milianos sem se ver, mas quando se encontra é risada na certa.

Salve, salve INDÚSTRIA BRASILEIRA, é nós Renanzinho.

Salve a toda molecada do futebol dos tempos de 3 de maio, Salesianos, São Carlos F.L (alojamento e cidade), fiz verdadeiros irmãos nessa época.

Salve à toda galera do SESI São Carlos (Paiola, Edivas, Marcão, Rafa, Roger, Jhow); Época do terceirão em São Carlos e comandantes do planalto, (SALVE LEITÃO (in memorian), Luquinha Surian, Zaguinho, Radu, Biancardi, Sayuri, Thamy, Marina, Sanchez, Jinhera, Will, Manuzera da Bahia, Dú, Brumzera, Virtus, SALVE AUSENTE NA MENTE!!!! Estamos juntos sem dúvida.

Não tem como não agradecer uma molecada que faz parte da minha família de início de graduação, família Prudentina: SALVE REP IGLOO (Sidão, Murilão, Morangones), Anaue, Fabricio, Pedrinho, Pastor, Capão, Alan, Mario, Fiel, Heronzera o loko, Basquete, Vadia, Gui Schiavolin, Mau Corinthians (CAXIGLOO), Rebecones, Evelyn, Baiano, Bambam, enfim. Teria uma galera ainda pra citar. Salve Molecada do futsal e do futcampo Unesp Prudente. QUANTAS HISTÓRIAS!!!!!!!

E aí do VERDE pro ROSA, caindo em Rio Claro.

Salve REP. Marybondo (Murilão, Tomás, Monge), a toda BARCA DO SURFE, os caras da REP. Mojitos (Bigola, Marin, Reto, Pajé, Branca, Jigsharf, Berimbau), REP. Sobrevive (Capão, Niltinho, Carijó, Mau, Pinto, Edy, Gabriel), a toda rapaziada do FUTCAMPO Unesp Rio Claro, obrigado por esses 4 anos!!!! Toda a galera que ingressou em 2012 e 2011, turmas 1 e 2, Licenciatura e Bacharel.

Agradeço a todos os professores de todos os níveis de ensino que me proporcionaram vivências e conhecimento ao longo da minha vida. E um obrigado ao meu orientador Wilson pela parceria.

Agradeço a toda a galera do SESI, super férias.

Um salve e um muito obrigado a toda equipe do Acampamento República Lago, onde tive ótimas experiências e pude me desenvolver tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Vocês são demais. Fiz grande amigos e datas mais que especiais.

Um obrigado tanto quanto especial à famigerada VIDAMAIS, agora família MOVAE, que me proporciona diariamente conhecimento, experiências e muitas risadas. Valeu de verdade (Dú, Nayara, Décio, Emílio, Cris, Feliz, Gabi, Adilson, Régis, Luquinhas, Leandro, Brunão, Thalita, Iara, Yasser, Ricardão, Giu, Kita, Marília, Élvio, Bruna, Rafa, Tomas, Daniel, Rodrigo, Brunão Santos, Rafa Sena, Maurão) Ufa, a família é grande. Estão no coração.

Gratidão a todos os meus queridos alunos que garantem minhas alegrias e sorrisos diários. Que me permitem participar de suas vidas lhes trazendo mais saúde, alegria e bem estar através do exercício físico.

AMO ESTA PROFISSÃO! A FORMAÇÃO E A BUSCA PELO CONHECIMENTO CONTINUARÁ COM CERTEZA...

GRATIDÃO A TODOS QUE PARTICIPARAM DA HISTÓRIA DA MINHA VIDA DE ALGUMA FORMA!

“Sucesso é um esporte coletivo. Demonstre gratidão a todos os que colaboram com suas vitórias.”

RESUMO

O skate é uma modalidade que ganha praticantes e adeptos no mundo inteiro e que cresce a cada dia. Torna-se, então, instigante a realização de uma análise mais minuciosa de suas vertentes. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar a evolução do skate como atividade do contexto do lazer, e como modalidade esportiva, com apoio de análise histórico-social dos fatores que influenciam seu crescimento. Além disso, buscar compreender a trajetória e a influência que a modalidade possui no processo de socialização, inserção dos indivíduos num contexto social, dentro da cultura corporal do movimento. A metodologia utilizada neste trabalho se pautou numa revisão de literatura sobre o assunto, analisando artigos contidos em base de dados, livros, documentos, sites e reportagens do gênero. Concluiu-se que a prática do skate é singular e se justifica por ser e ter auto identidade e diretamente associada a uma atividade que se configura como livre, criativa, sem qualquer identidade dirigida. E que essa configuração do skate como fenômeno universal do uso do corpo e do movimento objetivando interações sociais possa ser inserida nas diferentes visões educacionais por meio de um compartilhamento de atitudes.

Palavras-chave: Skate. Skate e socialização. Cultura corporal de movimento. Evolução do skate.

ABSTRACT

Skateboarding gets practitioners and followers all over the world and it's still growing. Thus performing a detailed analysis of its tracks becomes exciting. This study has a purpose of investigation about the evolution of the skateboard as a leisure activity and as a sport, supported by historical and social factors analysis that influenced their growth. Furthermore to understand the sport history and its influence in the socialization process, and also in the insertion of individuals in a social context within the body movement culture. The methodology used in this study was based on a literature review, analyzing articles, books, documents, websites and reports of the genre. It was concluded that the practice of skateboarding is unique and it's promoted to be and to have self identity and it is directly related to an activity that is characterized as free and creative without any molded identity. And also promote the insertion of this kind of skateboarding as a universal phenomenon about the body movement seeking social interactions in different educational views through a sharing attitude.

Keywords: Skateboarding. Skateboarding and socialization. Body movement culture. Evolution of the skateboarding.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVO	11
3 METODOLOGIA	12
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
4.1 História do skate	13
4.1.1 Skate no Brasil	14
4.2 Modalidades	16
4.3 Gênero	17
4.4 A esportivização do skate	19
4.5 Mídia.....	21
4.6 Skate e cultura corporal de movimento	22
4.7 Esporte e socialização	24
4.8 Skate e socialização	26
5 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. INTRODUÇÃO

O último senso registrado pelo Datafolha, em 2009, alertou a um grande crescimento no número de praticantes da modalidade do skate em relação ao senso anterior, realizado em 2006. Pode-se observar que ocorreu um acréscimo de 20% em tal população, passando de 3.200.000 para quase quatro milhões de skatistas (PESQUISA DATAFOLHA, 2009). Não é necessário irmos tão longe para perceber o crescimento de tal modalidade, haja vista que apenas o fato de sair às ruas nas grandes cidades com certa atenção voltada ao número de indivíduos praticando, já satisfaz a curiosidade.

Com o conhecimento de tamanho crescimento em relação à modalidade e ao número de praticantes, surge então uma indagação que podemos inclusive tomar como ponto de partida do estudo: O que é o skate? Essa pergunta poderá ser proferida em diversas pessoas e a resposta não será uma só, pelo contrário, existirá uma infinidade de respostas e o mais interessante é que não existe apenas uma resposta correta devido ao fato de que cada ser humano é único e entende da sua forma (unicamente) tudo o que acontece ao seu redor. Dentre essas concepções do que é o skate, podem-se citar exemplos como: o skate sendo apenas uma tábua acoplada à dois eixos, sendo esses dois eixos conjuntos à quatro rodinhas (um em cada ponta) e oito rolamentos (quatro em cada roda). Outra resposta clássica se refere ao skate apenas como um meio de transporte, ou até mesmo como sendo apenas um brinquedo utilizado no meio lúdico.

Nenhuma dessas respostas estão incorretas, vistas é claro de uma perspectiva primária. O skate possui um amplo significado quando visto de modo mais aprofundado e menos concreto, ou seja, constitui-se de uma propriedade fundamental para o ser humano. Nicolau (2010) refere-se a esta propriedade como a capacidade de alterar o próprio estado de consciência, onde é promovida vasta sensação de liberdade. O skate enquanto atividade radical e esportiva, pode ser visto ainda como uma prática corporal, e a vivência dessas práticas corporais, como acrescenta Passos (2004), experimentadas, pelo indivíduo, no tempo destinado ao lazer não valorizam, a princípio, nenhuma forma de egocentrismo, e sim uma nova forma de exaltação da autonomia e do tempo de viver por viver, num caminhar sem rumo, a vislumbrar possibilidades de distanciamento da rotina diária. Refere-se

ainda ao “carrinho” como, apesar de ser uma modalidade individual, uma ferramenta importante e interessante na socialização entre as pessoas, praticantes ou não praticantes. O skate está inserido como prática esportiva circunscrito no mundo dos esportes radicais sendo então observado nos mais diversos cenários das cidades, como pistas, ruas e praças. Paixão (2013) nos lembra de que a prática das modalidades de esportes radicais manifesta-se impulsionada pelo desejo de se experimentar algo novo, singular, específico, perpassado por emoções prazerosas, utilizando-se da tecnologia para o campo da recreação e do lazer. Tal fato pode ser muito bem avaliado no mundo do skate. Segundo o “*Atlas do esporte no Brasil*” (DA COSTA, 2005), a modalidade possui tais características pelo fato de promover sensações de perigo e adrenalina, vencer obstáculos e enfrentar fenômenos naturais e físicos.

Portanto, o skate está amplamente ligado à cultura das ruas e possui praticantes que carregam a modalidade não apenas como um esporte, mas como uma filosofia de vida. Essa circularidade do skate em diferentes instâncias culturais, ao mesmo tempo em que possibilita sua expansão e afirmação como uma prática esportiva e de lazer, contribui para a consolidação de um mercado crescente e promissor, evidenciando que esta modalidade, assim como várias outras, vive e, por vezes, se alimenta da sua mercadorização (FIGUEIRA, 2008, p. 31). A mercadorização do esporte é compreendida como “a extensão lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo, de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos” (BRACHT, 2002, p. 196).

E é com base em algumas dessas afirmações e perspectivas de crescimento da modalidade que se tornou, então, instigante conhecer os aspectos histórico-sociais, a evolução desta prática e seu envolvimento na cultura corporal de movimento. Além disso, outro aspecto instigante é observar o poder social que o skate possui, principalmente pelo fato de estar inserido como modalidade esportiva e também no contexto do lazer. Segundo Rubio (2000), o esporte pode ser considerado uma forma elementar de socialização. Ele compõe o imaginário social e é reconhecido por envolver superação de limites, força, vitória e supremacia enquanto valores próprios, elementos que refletem o modelo social vigente.

Pautado na questão, principalmente social, o estudo busca compreender esses e outros aspectos envolvendo esta atividade, com base no referencial teórico já produzido a respeito.

2. OBJETIVO

Esse estudo tem como objetivo, analisar, por meio de uma revisão de literatura, artigos contidos em base de dados, livros, documentos, sites e reportagens do gênero, a evolução do skate como atividade do contexto do lazer, e como modalidade esportiva, com apoio de análise histórico-social dos fatores que influenciaram seu crescimento. Além disso, buscará compreender o processo e a influência que a modalidade possui no processo de socialização, inserção dos indivíduos num contexto social, dentro da cultura corporal do movimento.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se pautará no desenvolvimento de uma revisão de literatura sobre o assunto. Segundo Noronha e Ferreira (2000) as revisões de literatura são estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada. Portanto, a revisão de literatura nada mais é do que a junção de informações sobre um determinado tema.

Tal procedimento foi escolhido, devido as suas características de possibilitar ao leitor e ao próprio pesquisador, acesso aos avanços e retrocessos sobre determinado assunto, contextualizando-o e discutindo possíveis soluções para os problemas em questão. Além disso, uma revisão de literatura é um instrumento fundamental para otimização do trabalho de investigação, pois “[...] propicia ao pesquisador tomar conhecimento, em uma única fonte, do que ocorreu ou está ocorrendo periodicamente no campo estudado, podendo substituir a consulta a uma série de outros trabalhos [...]” (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 192). A pesquisa exploratória, segundo Ventura (2007, p. 385) é:

“uma área da pesquisa útil na exploração de novos processos ou comportamentos, novas descobertas, porque têm a importante função de gerar hipóteses e construir teorias. Ou ainda, pelo fato de explorar casos atípicos ou extremos para melhor compreender os processos típicos.”

Outra característica importante da pesquisa exploratória, é a invasão em um tema que não foi trabalhado de modo satisfatório ou existe em pouca escala, contribuindo então no esclarecimento de algumas questões pouco abordadas (RAUPP; BEUREN, 2012).

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 HISTÓRIA DO SKATE

No que concerne ao histórico desta modalidade, não se sabe ao certo como e quando o skate surgiu. De acordo com Brooke (1999), seu desenvolvimento nos Estados Unidos estaria relacionado a um meio de locomoção entre os jovens a partir da fixação de rodinhas de ferro e/ou borracha em caixas de madeiras usadas para o transporte de frutas entre as décadas de 1920 e 1940. Porém o que relata alguns outros autores é que a origem do skate se deu no final da década de 50, em um período em que o mar não estava propiciando ondas boas aos surfistas da Califórnia, Estados Unidos, e estes, utilizando a criatividade, resolveram desenvolver uma atividade que possuísse semelhança com o surf, porém, sem a utilização da água (BITENCOURT et al., 2005; UVINHA, 2001; BRITTO,2000). Foi então que estes praticantes, dando destaque a um garoto chamado Doc 'Heath' Ball, providenciaram rodinhas de patins (que eram feitas de ferro e plástico duro) e colocaram em uma madeira com formato parecido com o de uma prancha real. O esporte ficou então conhecido como "sidewalk surfing", ou seja, surf de calçada e, em pouco tempo, espalhou-se pelos Estados Unidos. Com tal utensílio era possível a realização de inúmeras manobras semelhantes às realizadas com a prancha de surf, apesar de obter proporções menores, sem a necessidade das ondas do mar.

O primeiro skate fabricado e comercializado em série foi o Roller Derby em 1959. Com isto, milhões de skates foram comercializados e distribuídos por todo o país. Porém, as rodinhas que eram feitas de ferro provocaram diversos acidentes, pois possuíam real poder de deslizar facilmente. Isto fez com que a sociedade americana iniciasse um ato de banalização do esporte em nome da segurança ,segundo a Confederação Brasileira de Skate. O skate demoraria a retomar sua credibilidade diante de tal cenário.

Apesar de a nova modalidade conseguir semelhanças com as manobras realizadas no surf convencional, era interessante a forma como novas manobras eram criadas e realizadas num contexto praticado por adolescentes e jovens em sua maioria, promovendo experiências de liberdade e expressão, ou seja, começava a se constituir uma prática diferente daquela realizada no mar. A partir dessa

diferenciação uma nova denominação surgiu para a modalidade, ficando nomeada como “skateboard”, ou apenas skate (BITENCOURT et al., 2005).

4.1.1 SKATE NO BRASIL

A origem e a história do skate no Brasil podem ser contadas através de uma linha do tempo, onde o skate é analisado desde seu ano de surgimento, ou mesmo seu simples aparecimento no território nacional até se fixar como esporte.

ANOS 60

Foi em meados da década de 1960 que o skate começa a surgir com seus primeiros ruídos em solo nacional, trazidos por alguns brasileiros que viajavam buscando boas ondas em território americano, mais precisamente na Califórnia. Alguns autores (Bitencourt et al., 2005; Uvinha, 2001; Britto, 2000; Bastos, 2005) nos trazem que juntamente com essa manifestação de surfistas importando os “carrinhos”, eles trouxeram também algumas revistas que possuíam publicações especializadas em surf que publicavam eventos, atletas e campeonatos, bem como as novas modalidades esportivas que por lá surgiam. Dentro de todo esse pacote, o skate começa a ser recebido em território nacional, ou seja, foi também a partir do surf que o skate se aproximou do brasileiro.

ANOS 70

Segundo Britto (2000), o skate nesta época possuía um caráter estritamente amador. Não era uma prática institucionalizada, sendo reconhecida apenas como atividade de lazer. Não existiam até então pistas específicas para a prática do skate, sendo assim tal prática se restringia a locais como quadras poliesportivas, praças e estacionamentos.

Foi então que numa união entre os próprios praticantes da modalidade, surgiu a ideia de realização do primeiro campeonato. O skate então começava a ganhar caráter esportivo no Brasil. Com certa visualização, as mesmas empresas que confeccionavam roupas e equipamentos de surf, começaram a confeccionar também peças de skate: tábuas (shape), rodas, rolamentos e eixos (truck), entre elas

estavam a Torlay, Benrose, Bandeirantes, Nakano, DM, Vortex, RK, Costa Norte, etc (BITTENCOURT et al., 2005).

A partir de toda essa mobilização e essa demanda, juntamente ao número crescente de adeptos e praticantes da modalidade, foi necessário a criação de espaços especializados e próprios para a prática e competição do skate. Sendo assim, em 1976 foi inaugurada a primeira pista de skate da América Latina, em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizado o primeiro campeonato de skate brasileiro em julho de 1977 (BITTENCOURT et al., 2005; UVINHA, 2001; BRITTO, 2000; BASTOS, 2005). Segundo Chaves (2005), foram contruídas durante os anos 70 as pistas de Wavepark e Franet, em São Paulo, e a pista de Campo Grande, no estado do Rio de Janeiro.

ANOS 80

Foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o esporte expandiu-se através da construção de pistas por todo o estado, ocorrendo uma grande mudança no estilo dos praticantes (modos de vestir-se), assim como uma crescente entre os praticantes, a criação da Federação Gaúcha de Skate e houve ainda a conquista de um título nacional por um rio-grandense, fato histórico para o país (BRITTO, 2000).

Em 1988, porém, ocorre um episódio marcante onde o então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros, proíbe a prática do skate no Parque do Ibirapuera e após uma mobilização e manifestação dos praticantes, o mesmo proíbe a prática em todos os espaços urbanos da cidade. Esta medida foi entendida pelos skatistas como a maior repressão e abuso de poder já vistos contra a prática do skate (BOLOTA, 2001). Além disso, juntamente com o plano Collor, onde diversas empresas relacionadas ao esporte faliram, inclusive algumas revistas, decaí todo o investimento realizado no skate e juntamente a crescente do esporte.

ANOS 90

Mesmo com tudo que estava acontecendo em relação à modalidade, a década de 90 foi a década de consolidação do skate no Brasil. Vale citar que em 1997, o skatista Bob Burnquist foi eleito o melhor skatista do ano, em todo o mundo, pela revista "Trasher", revista muito popular da época (BRITTO, 2000).

4.2 MODALIDADES

Para contextualizar a modalidade do skate, é importante saber as modalidades inseridas dentro do esporte - que por sinal não são poucas - e suas características. Ao longo do tempo histórico, as modalidades foram cada vez mais se concretizando e se renovando através das diversas tecnologias e estilos. Segundo o site “Skateboard Brasil”, as principais modalidades dentro do esporte são:

- **Skate “street”**: é a modalidade mais praticada dentro do esporte, composta por volta de 90% dos praticantes. É o skate visto em centros urbanos e pistas. Caracterizado pela ousadia nas manobras;
- **Skate “vertical”**: Praticado em um Half-pipe de mais ou menos 3,50m de altura e com as extremidades de sua transição em 90° do solo, subindo uma parede vertical;
- **Skate “Longboard”**: Longboard é uma modalidade que utiliza skates com os shapes (madeira de cima) bem maior do que o convencional. Em muitos lugares do mundo, é considerado um “Shape Longboard” quando tem mais de 38 polegadas, atualmente chegando a 50 polegadas ou mais. Caracteriza-se em sua maioria pela descida de ladeiras;
- **Skate “downhill slide”**: Skate Downhill é praticado em ladeiras, onde o objetivo é descer a ladeira fazendo slides. Esses slides são deslizados ou derrapadas no asfalto;
- **Skate “mini rampa”**: São pequenos half-pipes de mais ou menos 2 metros de altura, que porém não possui característica vertical. Assim como o freestyle, a mini rampa é uma das modalidades que mais possui skatistas de outras modalidades como street, vertical, downhill e longboard;
- **Skate “freestyle”**: Mandar manobras com um estilo livre, podendo colocar o pé ou a mão no chão, skate de cabeça para baixo, de lado, da maneira que preferir. Geralmente praticado em lugares planos e não muito grande, não precisando construir rampas;
- **Skate “bowl”**: Praticado inicialmente nas piscinas dos Estados Unidos (que possuem paredes com transição) no início dos anos 70. As primeiras pistas

de skate eram imitações das tais piscinas, até serem criados em forma de bacia, hoje chamadas de “bowls”;

- **Skate “banks”**: Os Banks são variações dos bowls, porém não tem a parte vertical e geralmente apresenta 2 metros de altura. A modalidade foi criada no final da década de 70 e praticada inicialmente em piscinas vazias dos Estados Unidos;
- **Skate “slalom”**: O Slalom é praticado com skates menores e mais estreitos. Os skatistas utrapassam cones e balizas fazendo zigue-zague, tendo muita técnica, precisão e velocidade;
- **Skate “mountainboard”**: O Mountainboard é a modalidade de skate onde os skatistas descem montanhas com um skate adaptado com rodas e pneus, tendo mais de 40 polegadas, eixos mais largos e muitas vezes suportes para prender os pés no shape;
- **Skate “mega rampa”**: A Mega rampa é a rampa mais conhecida pela fama que construiu no X-Games (maior evento esportivo da modalidade). A ideia veio do skatista americano Danny Way e a construção foi projetada por John Tyson. Com a entrada da Mega rampa, o skate ganhou mais destaque e credibilidade.

4.3 GÊNERO

Ainda numa abordagem histórica, mas também cultural, social e política, faz-se necessário entender o processo de inserção da mulher em tal modalidade visto que é recente a atuação das mesmas nas mais diversas modalidades esportivas. Segundo Goellner (2004), foi nas primeiras décadas do século XX que se pôde observar uma maior participação das mulheres no campo do esporte, tanto na dimensão do lazer quanto da educação escolar e da competição.

Para maior conhecimento e contextualização, retornamos um pouco mais na linha histórica, no ano de 1941, mais precisamente no dia 14 de abril, onde entrava em vigor o Decreto-Lei 3.199, que proibia, oficialmente, a prática e a realização de competições femininas em algumas modalidades esportivas, tais como futebol, pólo, halterofilismo, lutas, entre outros. A violência desses esportes para a natureza feminina e o prejuízo no desenvolvimento pleno da mulher ao longo da juventude

eram alguns dos discursos utilizados como justificativas para tal decreto, que só foi entrar em processo de revogação na década de 1970 (GOELLNER, 2007). Porém, mesmo após a revogação, praticar tais modalidades ainda continuava sendo uma ação permeada por representações e valores sociais e culturais.

Segundo Hult (apud Knijnik; Vasconcellos, 2003, p.51):

“(...) a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interditas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito guerreiro masculino, sendo apontado como o único local no qual a supremacia masculina seria incontestável”.

Reforçando todas essas ideias, Beal (2001) em suas reflexões e análises afirmou que vários são os fatores para que a participação das mulheres no skate seja historicamente desfavorecida, principalmente pelo fato da diferenciação de gênero, ou seja, a “masculinização da mulher”. Esses discursos se baseiam em algumas questões da modalidade, como por exemplo, a segurança. O skate, como diversas outras modalidades de aventura, podem provocar machucados e ferimentos no corpo, e isso não poderia ser aceito de maneira natural, ou seja, não ficaria bem para garotas. Porém nada disso impediu que desde os primórdios fossem vistas mulheres “surfando no asfalto”. As mulheres acompanharam o nascimento e o crescimento da modalidade, historicamente falando. Para além desses fatores, a autora identifica que poucas, entretanto, foram as oportunidades dadas as mulheres dentro da indústria do skate, especialmente pelo fato de que a maioria dos proprietários das marcas e empresas de skate são antigos atletas e ainda trazem consigo intrinsicamente o modo machista de pensar.

Podemos nos atentar no mundo contemporâneo a outro grande exemplo do descaso ao desporto feminino citando a atuação das mulheres no próprio futebol (esporte mais praticado no mundo): ausência de campeonatos, ausência de patrocínios e discriminação.

Figueira (2008) descreve o skate feminino como uma modalidade ainda a ser construída e reafirma que para essa modalidade se desenhar e se estabilizar, é necessário que exista um ganho maior em visibilidade, ao contrário do skate masculino cuja adesão do esporte já se encontra mais naturalizada. No Brasil, as revistas, os livros, as matérias jornalísticas e os programas esportivos poucas

referências fazem às mulheres que, não raras vezes, figuram dissolvidas no coletivo: as garotas.

Tal informação pode ser melhor avaliada mediante análise do livro “A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil”, editado por Eduardo Britto. No decorrer de suas 105 páginas é possível identificar apenas uma referência às mulheres quando o autor informa que, no ano de 1995, foi realizado na ZN *Skatepark*, em São Paulo, o 1º campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (BRITTO, 2001, p.62).

Um desencadeador de ações protagonizadas pelas próprias mulheres foi a criação de um site chamado “*Skate para meninas*”, em junho de 2002, criado por Evelyn Leine, que possuía como objetivo facilitar a comunicação bem como a divulgação a respeito da modalidade entre as skatistas. Porém, para além da comunidade cibernética, duas outras grandes ações promovidas por mulheres skatistas foram extremamente importantes para a estruturação da modalidade no Brasil: criação do primeiro Ranking e a fundação da Associação Brasileira de Skate Feminino.

A questão da “respeitabilidade” foi determinante no regresso do skate feminino no Brasil. Mesmo sabendo que desde os primórdios as mulheres já estavam em cima das pranchas realizando manobras, elas tiveram de lutar contra a desaprovação de suas famílias e círculos sociais, mas de qualquer forma aceitaram o desafio. Mesmo a modalidade ainda estando em construção, pode-se afirmar que para uma verdadeira garota skatista, aprender uma nova manobra é uma grande realização. Vemos atualmente as mulheres cada vez mais participando de acampamentos, apresentações, viagens e competições que acabam promovendo experiências na prática do skate, além de proporcionarem ótimas amizades que se formam entre as mesmas, uma incentivando a outra na busca da evolução (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012).

4.4 A ESPORTIVIZAÇÃO DO SKATE

Ao longo dos anos, a vida em sociedade sofreu mutações e absolutas transformações no comportamento dos indivíduos. A criação e o nascimento da prática do skate, assim como outras práticas ditas ‘radicais’, estão indiscutivelmente

relacionadas a tais transformações. Os homens estão a todo o momento em processo de criação e recriação de algumas práticas sociais, assim como a prática denominada skate. O skate inicialmente (e até hoje em algumas circunstâncias) vinculava-se intimamente e exclusivamente ao lúdico, ao devaneio, ao prazer, ao risco e à aventura, no intuito de proporcionar aos praticantes sentimentos de prazer e intensas emoções (HONORATO, 2013). Essa ideia pode ser evidenciada visto os espaços em que era praticada a atividade, a ausência de um tempo regulamentador, regras institucionais e remuneração.

Segundo Costa (2004) e Brandão (2007), o skate se mostrou um exímio modo de agrupamento social no cenário urbano, com início nas ruas e posteriormente – ainda que sem ‘perder a rua’ – nas pistas de skate. Esses skatistas denominados “urbanos” se utilizavam ainda de parques, asfaltos, praças, estacionamentos de prédios comerciais e de locais com baixo trânsito de carros, que em seu tempo livre se expunham ao risco com extrema ousadia e radicalidade. Esse grupamento tomou força e se individualizou, intitulando-se tribo skatista. Existem diversas tribos e grupamentos sociais que estão interligados às suas respectivas práticas culturais, gerando alguns símbolos como as suas vestimentas, linguagens, hábitos, modos de se expressar, atitudes e comportamentos, conforme evidencia Maffesoli (1995). Com a tribo dos skatistas não foi diferente. O processo de esportivização, que é a transição do lazer para o esporte, entre outros fatores, também está ligada a esse processo de apropriação de características próprias e individualizadas.

Sendo a esportivização um processo e não um fato isolado, é necessário que exista algo que desencadeie e fatores que propulsionem tal processo, gerando o objetivo desejado. No caso da esportivização do skate, o propulsor desta fase seminal foi o primeiro grande campeonato de skate, em 1975, no Rio de Janeiro. Com a inserção do campeonato, foi necessário que se desse classificação aos competidores, o que já diferenciava e ainda, se distanciava da natureza lúdica e de lazer que o skate até então era referenciado. Dentro de tudo isso, e para a realização de tais classificações, era necessário formas de avaliação das manobras (que começaram a cada vez mais aumentar o nível de dificuldade e refinamento ao longo do tempo) e a diferenciação entre as modalidades.

Como já dito, a esportivização não é apenas um fato isolado e sim um processo. Portanto, a partir dos fatores mencionados, novos campeonatos começaram a surgir emergindo atletas nas diversas categorias, novas marcas e

tendências e, inclusive, uma maior abordagem midiática, ou seja, o skate começa então a atuar finalmente em um cenário esportivo, cercado e amparado por grandes marcas, competições diversas com índices classificatórios, federações e associações, além de uma abordagem midiática através de veículos informativos como os jornais, as revistas, programas televisivos, internet, rádios, filmes, livros, etc.

4.5 MÍDIA

Embora os momentos dentro do processo histórico da modalidade tenham oscilado entre altos e baixos em questão de visibilidade, o skate teve seu universo construído com símbolos, códigos e experiências próprias. Portanto, dentro de todo esse contexto relacionado ao crescimento, desenvolvimento e ascensão da modalidade, aos poucos se consolidou a atuação de muitos agentes ligados à prática, como por exemplo, a mídia especializada (MACHADO, 2011). Enorme foi e é a influência da mídia nessa perspectiva. E se o skate pode ser considerado como uma prática com representação e destaque no cenário cultural e esportivo, tanto em território nacional quanto fora dele, grande parte dos méritos estão linkados às atividades midiáticas.

Figueira (2008) afirma que estes movimentos dentro de tantos outros, possibilitam uma afirmação e ainda, uma expansão do skate no mercado, ou seja, tudo isso contribui para a consolidação de um mercado crescente e promissor, evidenciando que tal modalidade, assim como muitas outras, se alimenta por meio de sua mercadorização. Entende-se a mercadorização do esporte como:

“a extensão lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo, de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos” (BRACHT, 2002, p.196).

A presença dos esportes radicais na mídia está intimamente relacionada à busca por espectadores juvenis. Desta forma, não apenas a televisão, mas também o cinema, rádio, revistas e jornais vêm abrindo espaços para esportes que antes contavam com pouca visibilidade. O autor Mauro Betti foi pontual ao analisar a relação entre televisão e o esporte na sociedade brasileira e ele faz menção

justamente ao direcionamento das ações televisivas ao público jovem, uma vez que os esportes radicais possuem natureza de sensações diversas como a quebra da rotina, adrenalina, emoção e etc. Segundo Betti (1998), os esportes em geral, assim como a dança e as práticas de aptidão física tornam-se cada vez mais, produto de consumo e objeto de conhecimento difundido em larga escala para o grande público. A cultura corporal de movimento vem sendo divulgada, principalmente ao público adolescente, por jornais, revistas, videogames, rádio e televisão.

Principalmente as ações televisivas têm proporcionado exposições aos espectadores dos mais diversos campeonatos e circuitos. Dentre os principais exemplos que poderia ser citados, está o X-GAMES. Este evento é promovido pelo canal de televisão ESPN desde o ano de 1995 e é realizado uma vez por ano, tendo passado por diversos países, sendo considerado por muitos como a “olimpíada dos esportes radicais”.

Outro produto que marcou foi o jogo de videogame “*Tony Hawk’s Pro Skater*”, lançado no mercado pela empresa Activision no ano de 1999 sendo uma febre entre o público consumidor da área e praticantes da modalidade.

4.6 SKATE E CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

O termo “cultura corporal de movimento” foi proposto por Mauro Betti (1996) e Valter Bracht (1992, 1999) com a intenção de ultrapassar as explicações naturalizantes do movimento humano e conceber o objeto da Educação Física como fenômeno cultural (MENDES, 2002). Além do termo “cultura corporal de movimento”, outros termos fazem menção ao mesmo assunto, como “cultura corporal” proposto pelo Coletivo de Autores (1992) e “cultura de movimento” proposto por Elenor Kunz (1991, 1994). A cultura corporal de movimento engloba as relações sociais com o corpo e o movimento, ou seja, não possui uma ótica sobre o movimento humano como um fato meramente físico, mas considera o ser humano (com suas emoções, crenças, vivências) que realizou tais movimentos. O movimento começa a ganhar significações culturais e intencionalidade.

Inseridas na cultura corporal de movimento, diferentes manifestações corporais criam e recriam significados para as práticas corporais, ou seja, a prática de jogos,

danças, brincadeiras, esportes, lutas e outras, ganham sentido para quem as reproduz embaçadas ou enraizadas numa determinada cultura.

Pensando desta maneira, a prática do skate, assim como de outras atividades corporais, está inserida e relacionada de maneira íntima no universo da cultura corporal de movimento, uma vez que sua prática e seus movimentos estão repletos de significações e história, dentro de um contexto social amplamente relevante e marcado.

O skate é uma prática que está relacionada e afinada aos ideais hedonistas ligados ao prazer, à estética e à superação de si mesmo (LIPOVETSKY, 2005). Portanto, ele pode ser reconhecido também como uma atividade que investe sobre os corpos que o desempenham ao possibilitar ao praticante a experiência de emoções intensas, a descoberta de seu corpo e seu conseqüente potencial e a capacidade de superação de desempenhos anteriores. O leque de movimentos dentro da prática do skate é vasto e indiscutível. Segundo o autor:

“(...) estamos diante do esporte-lazer, esporte-saúde, esporte-desafio. Das práticas esportivas almejamos sensações e equilíbrio interno, auto-satisfação e evasão, “silhueta” e distensão. [...] a procura do equilíbrio interno a vitória sobre si tornaram-se valores prioritários”. (LYPOVETSKY, 2005, p. 89) .

As técnicas corporais empregadas na prática do skate podem ser encaradas como uma espécie de tradução de uma manifestação cultural específica detentora de uma expressão simbólica, manifestada por meio do elemento da radicalidade. E essas técnicas não são adquiridas logo na primeira vez. O ato de andar de skate não é um talento inato, e sim uma prática treinável que exige um aprimoramento, treinamentos e hábitos por parte do praticante (HONORATO, 2012).

Logo num primeiro momento, o indivíduo é convidado a incorporar o skate como ferramenta em relação ao seu corpo, de maneira que passe a se equilibrar em cima do mesmo e consiga articular os primeiros movimentos.

É válido destacar também, que o skate é um estilo e uma prática de fronteiras fluídas, ou seja, possui ligação com diversas outras manifestações de cultura corporal como o surfe e o hip hop. A postura corporal exigida para a prática do skate era a mesma praticada no surfe, os movimentos são muito semelhantes e o corpo é jogado conforme o ritmo do estilo aplicado.

Segundo Honorato & Brandão (2012), essas mesmas manifestações culturais interferem no estilo dos skatistas em relação à suas modalidades. O “skate surfe”,

por exemplo, é representado por integrantes da modalidade downhill, assim como os skatistas que se apropriam dos “banks” (obstáculo semelhante ao formato de uma piscina). As curvaturas das paredes e o estilo de movimento lembram o das ondas do mar. No caso do “skate punk”, as manobras possuem um estilo mais arrojado e agressivo, com velocidade e técnica mais apurada e podem ser encontrados em ambientes urbanos diversos. O “skate rap” possui um estilo mais cadenciado, ainda se apropriando dos ambientes urbanos, mas com estilos de manobrar seguindo as batidas das músicas de rap, ou seja, mais cadenciadas e ritmadas.

Estas vastas técnicas corporais mostram e exemplificam como o indivíduo à medida que se apropria do skate, passa a não realizar simplesmente manobras, e sim gestos e movimentos carregados de cultura e história, marcas da pluralidade existente no estilo de vida skatista. Soares (2012) reafirma estas palavras citando que o skate é uma prática corporal complexa e multifacetada, que compreende desde um simples divertimento, a um meio de transporte, e até a um desafio de si mesmo e ao espaço. Compreende que deslizar sobre as ruas é um gesto repleto de significações, onde entra em jogo o equilíbrio e os prazeres da relação entre o corpo e a pequena prancha.

Dentro da cultura corporal de movimento desta atividade, ou seja, no universo do skate e conseqüentemente do skatista, alguns aspectos técnicos devem ser internalizados e compreendidos, e posteriormente treinados. Segundo Vitto (2003), para um praticante conseguir se desenvolver no skate, precisa possuir algumas habilidades básicas relacionadas às capacidades físicas como equilíbrio, agilidade, força, velocidade, flexibilidade, coordenação motora e propriocepção. Essas capacidades se tornam importantes principalmente ao pensarmos que o skate é uma modalidade de grandes impactos e extremamente radical, e se as manobras ou simplesmente o ato de andar de skate não forem realizadas de maneira ótima e perfeita, isso pode acarretar em lesões, graves ou não (ARANHA, 2004).

4.7 ESPORTE E SOCIALIZAÇÃO

Dentro da sociologia, diversos autores se propuseram e ainda se propõem a entender melhor o processo de formação de uma sociedade, o processo de socialização e como tudo isso pode se encaixar em nosso universo. São inúmeras

as teorias e as conceituações acerca deste tema. Um conceito importante e interessante, proposto por Emílio Willens, esplanava que socialização é “o processo pelo qual o indivíduo, no sentido biológico, é integrado numa sociedade. Pela socialização o indivíduo se torna uma pessoa humana, adquirindo os hábitos que o capacitam para viver numa sociedade”, ou seja, o indivíduo se apropria do social por meio da aquisição de valores, normas, signos, papéis e códigos.

Dentre os elementos fundamentais, utilizados como instrumentos socializadores, está o esporte, a prática esportiva, o emprego de uma cultura de movimento para fins pontuais.

É sabido que o esporte possui entre suas principais funções, enquanto instrumento da cultura corporal de movimento, a construção do indivíduo em sua totalidade, onde é desenvolvido o sentido e a apropriação de valores a partir de perspectivas histórico-culturais, norteando e desenvolvendo a socialização. O esporte é uma excelente ferramenta de socialização, pois desenvolve inúmeros valores, comportamentos e habilidades sociais, levando em consideração, é claro, o objetivo com que a prática esportiva é direcionada, ou seja, se o desporto não for voltado para a aquisição de todos esses aspectos, mediado por educadores ou não, pode ser que o esporte não tenha todo esse poder (BARBIRATO, 2005).

O esporte socializador tem como meta a participação de todos, independente de gênero, de habilidades motoras, dos resultados positivos ou negativos em competições, de etnia, etc. O esporte de socialização dá o direito a todos do desenvolvimento de valores circunscrito na cultura corporal do movimento.

Segundo Boixadós et al. (1998), o processo de socialização relacionado ao esporte possui algumas fases, sendo válido citar duas delas:

1. Socialização para o esporte: Trata-se das influências psicológicas e sociais, ou seja, valores e atitudes que a família ou mesmo a equipe do desporto consideram importantes. Fatos que geram atração inicial pelo esporte. Existem algumas variáveis dentro desse conceito como Atributos pessoais, que são as habilidades, motivação e expectativas; Agentes de socialização; e Situações de socialização, ou seja, o lugar da prática. Ainda a “aprendizagem social” possui alguns elementos que a interfere, como por exemplo os Atributos psicológicos e pessoais – são os traços da personalidade, motivação, atitudes, habilidades, gênero e raça; o incentivo é outro fator, ou

seja, prêmios recebidos pelos agentes de socialização e o apoio; e por fim os Sistemas sociais – família, grupos de pares, comunidade;

2. Socialização através do esporte: Designa-se à aprendizagem dos valores, atitudes e habilidades em geral (esportividade, disciplina, trabalho em grupo) que são obtidos justamente através do resultado do envolvimento pessoal dentro do esporte. É colocado ainda que a motivação e a influência à prática e a socialização consequente, são dependentes da família, de educadores, estrutura, filosofia e os próprios agentes de socialização.

Deste modo, podemos observar a importância do esporte no processo socializador, criador de valores no indivíduo. O esporte está contido em culturas e crenças diferentes, em contextos históricos diferentes, com uma multivariada de modalidades. E é nessa perspectiva que apropriações são realizadas e internalizadas pelos indivíduos, apropriando-se não apenas de contato entre pessoas, mas de habilidades, de valores, de regras, disciplina e normas.

Após entendido a importância do esporte no processo de socialização, principalmente os esportes de ordem coletiva, fica a interrogação e a indagação a respeito do poder de socialização que o skate possui, tendo em vista que o skate é um esporte individual, ou seja, sua evolução depende apenas de você e do desenvolvimento de suas próprias habilidades, é você, o “carrinho” e mais nada. O skate possui realmente características socializadoras? Vejamos.

4.8 SKATE E SOCIALIZAÇÃO

Apesar de o skate ser uma modalidade de cunho individual, ou seja, realizado por uma só pessoa em cima da tábua de madeira, ao mesmo tempo é uma atividade que possui uma função extremamente socializadora, sendo este um dos motivos da aderência e da manutenção de diversos praticantes na modalidade. Segundo Balbim; Filho; Junior (2010), a relação pessoal, social e a amizade são um dos principais motivos pelo qual os indivíduos se interessam pela prática do skate. Os skatistas geralmente se iniciam na modalidade andando com vizinhos, amigos ou até parentes, ou seja, o círculo social tem importante função no iniciar da prática

dentro da modalidade e na própria manutenção da mesma quando se pensa no quesito evolução e desenvolvimento de novas manobras (BASTOS, 2006).

Uvinha (2001) relata ainda sobre uma entrevista em uma pesquisa, que o skate mesmo tendo um cunho individual, se baseia também numa coletividade, pois segundo o entrevistado, "o skate se torna melhor quando os amigos estão juntos". Por esse motivo, é muito comum se ver em diversos campeonatos de skate o ato de partilhar, por exemplo, oferecer a casa para conhecidos ficarem, (caso o campeonato ou a sessão seja em outra cidade), compartilhamento de lanches e bebidas, emprestar peças e acessórios de skate. Isso tudo pode ser relacionado pelo princípio da reciprocidade, que é uma das formas de organização na sociedade, que se identifica no dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003).

A troca de experiências é muito comum em sessões e eventos relacionados ao skate. Guerra de egos é um aspecto difícil de se ver na modalidade, uma vez que sempre quando um atleta ou praticante acerta uma manobra difícil ou inusitada, é aplaudido pela grande maioria ao seu redor, motivando os mesmos a tentarem novas acrobacias e manobras. O aplauso não é apenas fruto da plasticidade ou do skatista que a está executando, mas sim por saberem o quão difícil é a evolução e o quão especial é acertar uma nova manobra após insistir em tentativas frustradas com risco inclusive de se lesionar.

A sociabilidade entre os praticantes da modalidade engloba o proposto por Frúgoli Jr (2007, p. 9):

“um tipo ideal entendido como o ‘social puro’, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interpretação em si mesma, vividas em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais”.

A sociabilidade dentro do universo skatista pode ainda estar relacionada a alguns outros fatores que foram mencionados neste trabalho como, por exemplo, o gosto musical. Historicamente o skate sempre esteve vinculado a música, recebendo e gerando influências e subdividindo alguns grupos através de estilos musicais.

Outro fator relacionado a socialização é o gênero, constituindo o que Rial (2003) chamou de homossociabilidade, isto é, skatistas mulheres se relacionam melhor entre si assim como skatistas do gênero masculino, salvo algumas exceções, formando subgrupos com seus códigos específicos. Porém, em muitos momentos homens e mulheres relacionam-se entre si normalmente.

É válido a ressalva de que as formas de sociabilidade não devem ser pensadas a partir de agrupamentos estáticos, mas sim dinâmicos e efêmeros, possibilitando ao skatista ter contato com vários outros.

5 CONCLUSÃO

O skate nunca foi o mais popular dos esportes, mas, recentemente, está invadindo as ruas, os parques e as praças. E se engana quem pensa que é apenas nos pés de adolescentes que as quatro rodinhas fazem sucesso: adultos, inclusive mulheres, estão adotando a modalidade como atividade física para manter a forma e a saúde em dia. Como segmento sobre a prática do skate já podemos considerar como simbologia das capacidades físicas do praticante como a função na qual nos revela um comportamento físico e pode ser dito como um benefício sobre quatro rodas.

Não por acaso, uma visão ainda antiquada coloca em discussão o sentido da prática do skate como uma atividade cujo seguimento de praticantes constitui grupos de pessoas com referencial social marginalizado. Ainda que tardiamente podemos afirmar que na prática esse conceito vem se transformando, o que pode sim, melhorar as visões deturpadas sobre a prática e praticantes da atividade. É nesse sentido que aqui pode ser possível um diagnóstico diferenciado, sobretudo, dando à Educação Física certa responsabilidade de ampliar estudos sobre o tema, e nesse particular, estabelecer relações promissoras unindo diferentes disciplinas que formam um corpo de conhecimento possível e fornecer identidade sobre a prática do skate. Assim, do comportamento motor, afetivo social e até sociológico, a contribuição de estudos na área pode, como aqui referenciada, mostrar a amplitude dos conceitos sobre a cultura corporal de movimento.

Não há, contudo, estabelecer que a prática do skate constitui uma modalidade de esporte radical cujo cenário é de responsabilidade exclusiva de uma área ou de outra, mesmo porque, conforme aqui delineado, o skate tornou-se um conceito de atividade física e social sem particularidades ou profissionalismo dirigido. Ou seja, sua prática é singular e se justifica por ser e ter auto identidade e diretamente associada a uma atividade que se configura como livre, criativa, sem qualquer

identidade dirigida. Sendo essa premissa um referencial importante no sentido de que a Educação Física, como área de conhecimento, pode dar sua contribuição pedagogicamente correta.

Considerando ainda que, a prática do skate se configura também numa prática social, abre-se nesse sentido o referencial teórico que formam um conjunto de estudos desses movimentos ou práticas de esportes, radicais ou não; sem rótulos, o que seriam mais aceitos por serem educativos e que permitem que engajássemos num processo pedagógico que poderá atender aos valores educacionais por meio da cultura de movimento. É possível que a prática do skate como fenômeno universal do uso do corpo e do movimento objetivando interações sociais possa ser inserido nas diferentes visões educacionais por meio de um compartilhamento de atitudes, comportamentos e valores independentes de quem ou qual profissional pode vir a fornecer elementos profissionais ou acadêmicos para dar suporte e identidade para a modalidade. Fica aqui sim, a esperança, cujo trabalho fiel às ideias e fomentos as pesquisas, favorecer métodos pedagógicos para implantação de determinadas modalidades em diferentes campos da prática, bem como atender às necessidades encontradas em políticas públicas, estratégias pedagógicas a fim de formar profissionais especializados para ministrar aulas de âmbito educacional, não apenas nas perspectivas simplistas de uma determinada prática excluída do todo social. Além do que o exercício se estrutura também como jogo, movimento ou modalidade, com o olhar mais aprofundado sobre as dimensões a serem tomadas para transformação social dos indivíduos inseridos nesse contexto.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, M. *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n.2, p.445-465, 2003.
- AMARAL, A.; DIAS, C. *Da praia para o mar: Motivos à adesão e à prática do surfe*. Licere. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 1-22. 2008.
- AQUINO, G. B. *O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens*. Revista Científica da Faminas, Muriaé, v.6, n.2, mai/ago. 2010.
- ARAGÃO, P. *Lazer sobre rodas no cartão postal: TICS/Mídia e socialização de skatistas na orla de Atalaia em Aracajú-SE*. Licere, Belo Horizonte, v.16, n.4, dez/2013.
- ARANHA, A.C.S. *Lesões no Skate*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba; 2004.
- ARMBRUST, I. *O skate associado às dimensões educacionais*. In: III Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura, 2008, Santa Teresa. Anais III CBAA. Acesso em: 10 mai. 2015.
- ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio A. A. *Skate e suas possibilidades educacionais*. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./set. 2010.
- BALBIM, G. et Al. *Percepção dos skatistas do estilo "street" da cidade de Maringá-PR em relação à estrutura dos locais de prática*. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2010, São Bernardo do Campo. ANAIS V CBAA. Acesso em: 01 fev. 2015.
- BARBIRATO, F. R. *A socialização no contexto de projetos esportivos: Um estudo de caso na Fundação Gol de Letra*. Niterói, 2005.
- BASTOS, A. *Uma breve discussão sobre os esportes radicais do meio urbano e a Educação Física/Educação física escolar*. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005, Porto Alegre. Anais..., Porto Alegre: CBCE, 2005. P. 2373-2379.
- BASTOS, B.G. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança ao corre"*. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- _____. *O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais*. Movimento, Porto Alegre, v.15, n.03, p. 163-186, jul/set. 2009.
- BEAL, B. *Skateboarding*. In: CHRISTENSEN, Karen et al. *International encyclopedia of women and sports*. New York: Macmillan References USA, 2001. V. 3.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BITENCOURT, V. et al. *Esportes radicais e de aventura*. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

BOIXADÒS, M. et al. *Papel de los agentes de socialización en deportistas en edad escolar*. Revista de Psicología del Deporte, Barcelona, v. 7, n. 2, p. 95-310, 1998.

BOLOTA, F. *Anos 80*. In.: BRITTO, E. (Org.). *A onda é dura: 3 décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação Física e desportos, 1997.

BRANDÃO, L. *Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade da Grande Dourados, Dourados, 2007.

_____. *Histórias esquecidas do esporte*. Conexões, v. 7, n. 2, p. 13-23, 2009.

_____. *Prazeres sobre pranchas: O lúdico e o corpo nos esportes californianos*. Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v.2, n.2, dez. 2009.

BROOKE, M. *The concrete wave: the history of skateboarding*. EUA: Warwick House Publishing, 1999.

CARMEN, L. S.; BRANDÃO, L. *Voga esportiva e artimanhas do corpo*. Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p.11-26, jul./set. 2012.

CHAVES, C.; BRITTO, E. *A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

CORREA, A. *O skate como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar*. 2013. 23f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

COSTA, M. R. M. *Aventura e risco no skateboard – street: um estudo do imaginário social de jovens skatistas*. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. 9. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.104 p.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA GLOBO. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.

DOG TOWN AND Z-BOYS. Direção: Steve Peralta. Sony Pictures, 2000. 97 min.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FIGUEIRA, M. L. M. *Skate para meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção*. 2008. 247f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FRÚGOLI JR., H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V.; JAEGER, AA. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

GOUVEIA, A. P. M. *Perfil das lesões em praticantes de skate*. Rev. Bras. De Prescrição e Fisiologia do Exercício. São Paulo, v.2, n.9, p.306-313, Mai./Jun. 2008.

HELAL, R. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

HONORATO, T. *A esportivização do skate (1960-1990): Relações entre macro e micro*. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.35, n.1, p. 95-112, jan./mar. 2013.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

INSTITUTO DATAFOLHA. *Praticantes de skate*. 2006. Disponível em: <http://173.255.202.190/uploads/ckeditor/attachments/7/PESQUISA_DATAFOLHA_2006.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

_____. *Praticantes de skate*. 2009. Disponível em: <http://173.255.202.190/uploads/ckeditor/attachments/8/Pesquisa_Datafolha_2009.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. *Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil*. In: COZAC, João Ricardo (Ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/ Ceppe, 2003.

LEINE, E. *Skate não é só para meninos: site 'Skate para meninas' é um importante canal de informações do esporte feminino*. Revista 100%Skate, Ano 10, n. 85, abr, 2005.

LOVISOLO, H. *Mediação: esporte rendimento e esporte da escola*. *Movimento*, Porto Alegre, ano VII, n. 15, p. 107-177, 2001.

_____. *Sociologia do esporte: do iluminismo ao romantismo*. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, p. 194-196, set. 2006.

LYPOVETSKI, G. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.

_____. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

MACHADO, G. M. C. *De carrinho pela cidade: A prática do street skate em São Paulo*. 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARTINS, D. F. et al. *O esporte como papel de uma reunião social*. Revista eletrônica de Ciência da Educação, jun. 2012. Disponível em: <http://www.facecla.com.br/revistas/rece/trabalhos-num1/artigo03.pdf>.

MAUSS, Marcel. “*Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas*”. In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 185-318.

MENDES, M. I. B. S. *Corpo e cultura de movimento: Cenários epistêmicos e educativos*. 2002. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

NICOLAU, A. F. S. *Nas ondas da cidade: Um estudo sobre o corpo e processos de subjetivação na prática do skate*. 2010. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

NORONHA, D; FERREIRA, S. M. *Revisões de literatura*. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (orgs.) *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PAIXÃO, J. A. *Práticas aventureiras de skatistas em espaços urbanos ressignificados*. Licere, Belo Horizonte, v.17, n.2, jun/2014.

PASSOS, K. C. M. *Caminhando nas trilhas do reencantamento da natureza: uma ecologia do corpo sagrado e errante*. 353 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

RAMPAZZO, M. *Skate, uma prática no lazer da juventude: Um estudo etnográfico*. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. *Metodologia de pesquisa aplicável às Ciências Sociais*. In: BEUREN, I. M. *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2004.

RUBIO, K. (Org.). *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

TURNER, J. *Sociologia: conceitos e aplicações*. São Paulo, Macron Books, 1999.

UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

VENTURA, M. M. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*. Rev SOCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, set/out, 2007.

VITTO, R. *Revista TRIBO SKATE – Agosto, Setembro, Outubro e Dezembro de 2003, pág 90, 92 e 94.*